

{breve apresentação do conjunto das sessões da cinubiteca}

01. Cinema Português

{ Coordenação: Frederico Lopes }

A CINUBITECA dará especial atenção ao cinema português. Por uma questão de identidade é crucial conhecer os filmes feitos em Portugal na medida em que são expressão do que somos e de como nos vemos, histórica, social e culturalmente.

Na visita à história do cinema português procurar-se-á encontrar caminhos possíveis para um caminho onde os portugueses se revejam.

Em parceria com o CCBI - Cine Clube da Beira Interior exibir-se-ão também, em 35mm e numa sala de espectáculos na cidade da Covilhã, os filmes portugueses mais recentes, tentando, sempre que possível, acompanhar esse acontecimento com a presença de personalidades ligadas ao filme exibido e um debate a realizar na CINUBITECA.

02. Décadas do Cinema

{ Coordenação: Manuela Penafria }

Para sabermos o que é o cinema é necessário conhecer o que ele tem sido, o modo nos tem acompanhado, como tem feito avançar o nosso mundo, como moldou a forma de o concebermos. O cinema atravessa e é atravessado por marcas de época, fez avançar e avançou também com as correntes artísticas, sociais e políticas.

Há filmes que captaram o espírito da sua época ou que construíram a imagem de outras épocas. Há filmes que funcionam como exemplos de constrangimentos de vária ordem: tecnológicos, culturais, sociais ou políticos. Há filmes dos quais se pode dizer também que estão fora da sua época. Na articulação entre marcas de época e possibilidades de *fuga* se reinventa o cinema constantemente.

03. Pátria do Cinema

{ Coordenação: Frederico Lopes }

Como homenagem ao pensamento de Serge Daney, a CINUBITECA vai exhibir trabalhos cinematográficos das mais diversas partes do mundo. Porque os filmes de todo o mundo são a pátria do cinema.

Frequentemente se tem confundido os interesses dos espectadores com os interesses da indústria e dos produtores. Quais serão os verdadeiros interesses dos espectadores? Diversos, muitos e muito diversos, certamente. Um cinema dos espectadores, uma verdadeira política dos espectadores residirá na multiplicidade e na diversidade. A pátria do cinema encontrará um território na CINUBITECA.

04. Autores

{ Coordenação: Edmundo Cordeiro }

É certo que, exceptuando alguns casos do cinema experimental, o cinema não se faz sozinho, como se costuma dizer. Mas vê-se bem que um Hawks não é um Hitchcock, que um Antonioni não é um Rossellini, que um Fassbinder não é um Wenders, que um Lynch não é um Tarantino. Quando se diz *um*, esse *um* é o cinema, o resultado no ecrã. É pelo autor que o cinema ganha existência — neste sentido, o autor é plural.

Que não se tenha dito isso no início, que a «política dos autores» (*Cahiers du cinéma*, *Nouvelle Vague*) tenha por vezes levado o autor a ser mais aquele que diz e menos aquele que olha e mostra, isso não é diferente do que se passou, do que se passa noutras artes. É que há o autor e há a «função autor» (Foucault) — que são, numa sociedade, para o melhor e para o pior, indiscerníveis.

05. Cinema Documental

{ Programação: Manuela Penafria }

O documentário ocupa uma posição ambígua na história e teoria

do cinema. Pertence a uma grande categoria designada por não-ficção, da qual também fazem parte a reportagem, o filme institucional, etc.

O documentário demarca-se da ficção por pretender de uma maneira própria oferecer um acesso ao nosso mundo. Mas, ao contrário de outros registos de não-ficção que fazem, por exemplo, um tratamento informativo ou promocional da realidade, o documentário tem como motivação fazer um tratamento criativo da realidade. Embora em alguns momentos da sua história o documentário tenha optado por determinados recursos cinematográficos (câmara ao ombro, não direcção de actores, etc.) em detrimento de outros, de modo a garantir a autenticidade do representado, nada impediu, nesses mesmos momentos, interessantes cruzamentos com os recursos da ficção.

primeira exibição
{cinema experimental}

INSTITUTE
BENJAMENTA

09 | março | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}



06. Filmes sobre o filme

{ Programação: Edmundo Cordeiro }

Os filmes que, mais ou menos explicitamente, se referem a si mesmos, não são feitos para as escolas de cinema (ainda que contenham uma pedagogia), nem para jogar com o voyeurismo do público, auto-exibindo-se (e ainda que às vezes o sejam muito, não o são na maior partes dos casos). São obras que valem por si mesmas por propiciarem certo tipo de imagens que só assim se pode obter.

Deleuze: «se a obra em espelho e a obra em germe acompanharam sempre a arte sem nunca a esgotar é porque esta via aí um meio de constituição de certas imagens especiais. (...) Se se emprega este modo, é necessário que ele esteja fundado em considerações capazes de lhe darem a mais elevada justificação. Pode verificar-se que, em todas as artes, a obra na obra esteve muitas vezes ligada à consideração de uma vigilância, de um inquérito, de uma vingança, de uma conspiração ou de um *complot*.»

07. Cinema experimental

{ Programação: Edmundo Cordeiro }

O cinema experimental, a sua necessidade, assenta no processo filmico. Insiste num ou em vários dos procedimentos do filme. Leva-os a um ponto extremo. (Warhol filma o Empire State Building — *Empire* — durante oito horas.) Visa com isso qualquer coisa que não se reduza a esses procedimentos, mas que só com um trabalho sobre eles pode ser alcançada.

Definindo o uso da câmara de filmar — é um exemplo —, Vertov enumerava todas as suas possibilidades tidas por *trucagens*, as quais, para o *Cine-Olho*, seriam «procedimentos normais, a usar amplamente». E isto para «vencer o tempo», para chegar à «percepção do mundo sensível», distinta da representação. Pode para isso não ser preciso muita coisa e, por isso também, o cinema experimental não está necessariamente à frente dos outros, trabalhando com o que é esquecido pelos outros. Boa parte da sua força criativa é extraída da sua pobreza, dos seus constrangimentos (pouco dinheiro, material rudimentar), das circunstâncias.

08. Cinema “mainstream”

{ Programação: Luís Nogueira }

Pensamos em filmes que arrastam multidões, que constroem o imaginário colectivo, que convocam fantasias do passado, que projectam fantasias sobre futuro, que acrescentam drama ou encanto aos acontecimentos do quotidiano. São filmes que nos contam histórias.

Podemos reconhecê-los com alguma segurança por certos traços, em alguns géneros. Uns arrecadam prémios e aclamações. Outros tornam-se fenómenos de sucesso planetário. Alguns são, porém, surpreendentes fracassos — também destes há lições a tirar. No conjunto, fazem do cinema uma arte popular por excelência, com as virtudes e debilidades intrínsecas. Permitem-nos falar de indústria cinematográfica e de grande público.

09. Filmes de Culto

{ Programação: Luís Nogueira }

Não há uma leitura ou um julgamento definitivos acerca de um filme. As perspectivas e o contexto variam ao longo do tempo e conforme os lugares. Acontece, por vezes, algo de surpreendente: filmes com condições de produção precárias ou ambições artísticas humildes acabam por conquistar um lugar de grande notoriedade na memória cinéfila. A prova do tempo permite em muitos casos descortinar-lhes conceitos narrativos ou estilísticos singulares.

Há também os casos em que o fulgor com que um filme oferece novos territórios ao universo das imagens animadas o torna imediatamente marcante. São peremptoriamente aclamados e elogiados, têm o seu público particular. Assinalam o seu tempo, criam o seu universo de aficionados.

10. A Cinubiteca convida...

{ Coordenação: Frederico Lopes }

A CINUBITECA vai convidar pessoas ligadas à prática e à reflexão do cinema, para partilharem a sua experiência e saber.

Visa-se proporcionar aos alunos e professores do Curso de Cinema da UBI um contacto mais directo com pessoas dotadas de grandes conhecimentos nos meios da filmologia e da cinematografia. Pretende-se também uma maior proximidade da Universidade com o mundo empresarial e laboral, explorando possíveis saídas profissionais para os nossos alunos.